



A SOLIDÃO COMO TEMPO E ESPAÇO PEDAGÓGICO: CONTRIBUIÇÕES À CULTURA EM DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO¹

LONELINESS AS A PEDAGOGICAL TIME AND SPACE: CONTRIBUTIONS TO CULTURE IN HUMAN RIGHTS AND EDUCATION

Nelson Maria Brechó da Silva*

Faculdade João Paulo II

 <https://orcid.org/0000-0002-6194-1096>

nelsonbrecho@yahoo.co



Maria Constança Peres Pissarra**

Pontifícia Universidade Católica – PUC /SP

 <https://orcid.org/0000-0002-3620-3040>

mcpp@pucsp.br

RESUMO: O artigo aqui apresentado tem dois objetivos: em um primeiro momento, analisar os textos *De l'oisiveté* (I,8), *De l'institution des enfants* (I, 26) e *De la solitude* (I,39) de Montaigne, para refletir sobre a solidão como forma do sujeito realizar a suspensão do julgamento diante da experiência. Em segundo lugar, examina algumas passagens das obras *Émile ou de l' éducation*, *Les rêveries du promeneur solitaire* e *Les confessions* de Rousseau, para também ali ressaltar a importância da solidão para o sujeito e seu aprendizado frente à natureza a partir do devaneio. Evidencia-se, dessa forma, a importância da solidão como exercício pedagógico, bem como perceber que a consciência, além de envolver a razão, é sentimento.

PALAVRAS-CHAVE: solidão; devaneio; natureza; julgamento.

¹ Este texto é fruto de uma pesquisa em andamento de estágio pós doutoral no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a supervisão da professora Dra. Maria Constança Peres Pissarra.

* Doutor em Filosofia (PUC-SP). Doutor em Teologia (PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política da PUC-SP e Literatura Joanina também pela PUC-SP. Realiza estágio pós doutoral no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a supervisão da professora Dra. Maria Constança Peres Pissarra. Professor do Departamento de Teologia (Faculdade João Paulo II - Marília / SP).

** Professora Dra. do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ABSTRACT: The article presented here has two objectives: at first, to analyze the texts *De l'oisiveté* (I,8), *De l'institution des enfants* (I, 26) and *De la solitude* (I,39) by Montaigne, to reflect on loneliness as a way for the subject to suspend judgment in the face of experience. Secondly, it examines some passages from the works *Émile ou de l'éducation*, *Les rêveries du promeneur solitaire* and *Les confessions* de Rousseau, in order to also emphasize the importance of loneliness for the subject and his learning in face of nature from daydreaming. In this way, the importance of solitude as a pedagogical exercise is evident, as well as the perception that conscience, in addition to involving reason, is feeling.

KEYWORDS: loneliness; daydream; nature; judgment.

INTRODUÇÃO

Frente aos desafios contemporâneos, o aprofundamento da relação entre a filosofia e a educação, apresenta-se como uma ampla possibilidade da consolidação de um pensamento autônomo, crítico e emancipador. Entre os autores que poderiam orientar esse percurso, Michel de Montaigne e Jean-Jacques Rousseau merecem destaque pela importância que deram a esses temas em suas obras. Tanto Montaigne quanto Rousseau proporcionam caminhos possíveis na ligação entre aqueles saberes, especialmente na valorização da solidão como ambiente pedagógico e construtor da subjetividade, bem como a relação entre o sujeito e a natureza no âmbito do julgamento e do devaneio a partir do pensamento dos filósofos Montaigne e Rousseau.

Nesse sentido, num primeiro momento, analisam-se os textos *De l'oisiveté* (I,8), *De l'institution des enfants* (I, 26) e *De la solitude* (I,39) de Montaigne, no intuito de discorrer sobre a “solidão” como oportunidade fomentadora do aprendizado, por intermédio do diálogo entre o sujeito e a experiência com a vida, a fim de formar a diversidade de opiniões mediante a suspensão do julgamento.

Num segundo instante, as obras *Émile ou de l'éducation*, *Les confessions* e *Les rêveries du promeneur solitaire* de Rousseau dão continuidade à reflexão em torno do sujeito e da vida. Em contrapartida, realça ainda mais o aspecto da interioridade para que o sujeito, diante da vida, possa ter maior naturalidade com a própria consciência, que, por sua vez, agrega a reflexão e os sentimentos.

Não por acaso, o relatório da UNESCO sobre a educação para o século XXI organizado por Delors traz entre outras a inspiração provocada pela reflexão desses pensadores, ao apresentar o conceito de “educação ao longo da vida”: “A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” (2010, p. 31). Além disso, Delors relaciona-o com o conceito “sociedade educativa”: “na qual tudo pode ser uma oportunidade para aprender e desenvolver os talentos” (2010, p. 32). Assim, traz à tona a apreensão de si como sujeito das opiniões e do julgamento no estilo montaigniano e, por outro, o sujeito que mergulha nos devaneios para desfrutar de si mesmo e tomar consciência dos sentimentos, que aparecem na tensão entre o estar presente no mundo e estar na experiência solitária em contato com a natureza na visão rousseauriana.

Mesmo que aqui não seja o lugar para a discussão desse documento, a título de exemplo, trata-se de apenas de destacar como a aproximação entre filosofia e educação fornece uma nova forma de interpretar os direitos humanos a partir da compreensão da consciência como suspensão do julgamento, assim como da consciência enquanto razão e sentimento para que o sujeito possa realizar a solidão como tempo e espaço pedagógico na formação de sua natureza e da atitude em conhecer a diversidade de cultura.

A SOLIDÃO PEDAGÓGICA ENTRE O SUJEITO E O JULGAMENTO EM MONTAIGNE

A solidão envolve o sentido pedagógico, porque a relação entre o sujeito e o julgamento se realiza pelo viés da interpretação em Montaigne. Para isso, vale a pena considerar as características fundamentais da época do ensaísta como comenta Garin:

[...] compreendemos, portanto, que o estudo da antiguidade tenha assumido um caráter e uma importância absolutamente diferentes daqueles que poderiam ter tido na Idade Média.

Estudar os Antigos significava tornar-se cada vez mais uma consciência histórica e consciência crítica, tornar-se capaz de avaliar a si mesmo e aos outros, abarcar as vastas dimensões do mundo humano e seu desenvolvimento, entender que a humanidade é uma sociedade ao mesmo tempo múltipla e unitária, progredindo em um esforço que se estende no tempo e triunfa sobre o espaço (1968, p. 94-95, tradução nossa).

Nota-se a importância da descoberta dos Antigos na época do Renascimento. Garin define a humanidade como múltipla e unitária. Por essa razão, o olhar renascentista vai em direção à essência do humano, de modo particular da diversidade cultural antropocêntrica.

Na mesma direção, Friedrich frisa o estudo da *conditio humana* (condição humana) no pensamento de Montaigne: “O sentido de seu empreendimento é o conhecimento da condição humana, *conditio humana*, através do objeto mais próximo, como sua própria individualidade” (1968, p. 235, tradução nossa). Constata-se o caminho que Montaigne faz da subjetividade em que o sujeito pode realizar o autoconhecimento.

A análise de Hoffmann soma-se às de Garin e Friedrich ao ressaltar os ensaios como o “palco do mundo” ou o “teatro do mundo”: “O ‘palco do mundo’ ou ‘teatro do mundo’ dos Ensaaios, portanto, pode contar aqui para algo mais do que simplesmente um lugar-comum bem ornado com o qual afirmar ou sentir o cansaço do mundo” (2016, p. 49, tradução nossa). Percebe-se que a imagem do palco e do teatro caracterizam bem o gênero dos ensaios como forma de interpretar os paradoxos da vida cotidiana em diálogo com a cultura clássica.

As características do homem renascentista na afirmação de Garin são esclarecedoras:

O Renascimento durou, portanto, cerca de dois séculos e meio; local de nascimento, sobretudo de algumas cidades-estados de Itália. São estas as coordenadas onde se deve procurar, e situar, embora com características bem definidas, o homem do Renascimento, ou seja, uma série de figuras, que nas suas

atividades específicas põem em prática, de modo análogo, características novas: o artista, que não é apenas artífice de obras de arte originais, mas que através da sua atividade altera a sua posição social, intervém na vida da cidade, especializa as suas relações com os outros; o humanista, o notário, o jurista, que se tornam magistrados, e que com os seus escritos influenciam na vida política; o arquiteto que negocia com o príncipe para construir “fisicamente” a cidade (1995, p. 3, tradução nossa).

Nota-se que o humanista influencia na vida política com as suas ideias, de modo que é perceptível a ligação entre a reflexão e a análise da sociedade. Montaigne adere esta postura de envolvimento com o mundo. No entanto, ele vai mais a fundo do que os humanistas, no sentido de ensaiar sobre os valores essenciais da vida, dentre eles a solidão como oportunidade de formação pedagógica.

A solidão é a ocasião da produção literária e filosófica. Por essa razão, a escrita dos Ensaíes indica o valor da alteridade, uma vez que o ensaísta amplia o seu conhecimento do mundo. Silva e Pissarra acentuam que:

[...] a solidão não é o lugar do tédio e sim da produção literária e filosófica como trabalho terapêutico das dores e das alegrias. A ociosidade não é sinônimo de irresponsabilidade e sim de repouso, pois o ato de repousar restabelece as energias para prosseguir na caminhada da vida. Montaigne sublinha o caráter criativo do ócio como ocasião de maior compreensão do humano e de sua interioridade. A escrita dos ensaios está vinculada à imagem do espelho, que reflete as imagens. Assim, em cada retomada da produção, a linguagem escrita agrega a alteridade, de maneira que sempre se abre para partilha de novas experiências como forma de ampliação do conhecimento (SILVA; PISSARRA, 2023, p. 33)

Os ensaios de Montaigne possibilitam ver o exame que o ensaísta faz de suas leituras dos filósofos. Eva afirma:

Eis como os *Ensaíes* convertem-se, a um só tempo, no *exame* que seu autor realiza das razões legadas pelos filósofos mais diversos e de seu próprio juízo e no aprendizado de uma “nova” filosofia, que se trata, na verdade, de recriar à luz do

ceticismo antigo – segundo a liberdade do emprego das faculdades intelectuais a que tal ceticismo potencialmente conduz (2007, p. 237).

Constata-se que esta atitude em examinar a si mesmo denota a utilização do ceticismo como ferramenta essencial para analisar o seu próprio juízo. Montaigne se utiliza do ceticismo no tocante à dúvida como algo fundamental ao aprendizado e vai além dele, visto que a dúvida leva a ampliação do conhecimento de si e da sua interpretação acerca do mundo mediante a suspensão do julgamento.

A visão do homem na natureza é diferente do modelo medieval, na qual se vê a hierarquia dos seres. Ela é desenvolvida pelo Montaigne conforme a sua relação com o mundo a ser construído com as suas fantasias e os seus discursos. Desse modo, Birchall afirma que:



Poderíamos distinguir a ideia de *natureza*, como ordem estática proveniente da criação – ideia esta questionada por Montaigne, da ideia de *mundo* como realidade que inclui as dimensões simbólicas e propriamente humanas – de forma que, para o autor dos *Ensaios*, o homem se encontra desde sempre num mundo construído por suas fantasias e seus discursos. Em sua diversidade que impossibilita toda certeza, a contemplação do mundo devolve não uma imagem, mas uma compreensão do homem como o lugar das opiniões e como o olhar diante do qual surge aquilo que se chama mundo. Não mais se vê na natureza o homem como um ser na escada dos seres, mas como o lugar do sentido e da interpretação: sentimentos, facções, julgamentos, leis e costumes. A perda da noção de si mesmo como objeto natural se reverte na apreensão de si como sujeito das opiniões e do julgamento (2007, p. 51-52)

Percebe-se que o sujeito na visão de Montaigne interage com as opiniões e o julgamento. Ele é o lugar do sentido e da interpretação através do exercício de ensaiar e refletir sobre as fantasias que surgem em sua mente. Ensaiar significa construir no discurso a sua interpretação do mundo e de seu autorretrato.

Montaigne, em seu capítulo *De l'oisiveté* (1,8), descreve os ensaios composto por quimeras e coisas estranhas: “E engendra tantas quimeras e ideias estranhas, sem ordem nem propósito, que para perceber-lhe melhor a inépcia e o absurdo, as vou consignando por escrito, na esperança de, com o correr do tempo, lhe infundir vergonha” (I, 8, 1962, p. 34, tradução nossa).

Em outro capítulo, *De l'institution des enfants* (1,26), descreve o mundo como um espelho. Desse modo, o sujeito pode olhá-lo e realizar o conhecimento de si mesmo e reconhecer a sua própria imperfeição.

Este mundo tão grande, que alguns ampliam ainda, como as espécies de um gênero, é o espelho em que nos devemos mirar para nos conhecermos de maneira exata. Em suma, quero que seja esse o livro do meu aluno. A infinita diversidade de costumes, seitas, juízos, opiniões, leis ensina-nos a apreciar sadiamente os nossos, a reconhecer suas imperfeições e fraquezas naturais: que não é uma aprendizagem leviana (I, 26, 1962, p. 157, tradução nossa).

Algumas páginas antes, para melhor fundamentar a sua reflexão, lembrava ao leitor o apoio de suas reflexões no pensamento de Plutarco e de Sêneca: “Não me enfronhei em nenhum livro sólido senão nos de Plutarco e Sêneca em cuja obra, a exemplo das Danaides, busco sem cessar aquilo que logo entrego alhures. Em meus escritos alguma coisa; em mim quase nada” (I, 26, 1962, p. 144, tradução nossa). Referência na sequência completada ao expressar seu gosto pela história e pela poesia:

A história é mais de minha predileção, ou a poesia que tenho em particular estima. Pois, como dizia Cleantes, assim como o som, prensado no estreito canal de uma trombeta, sai mais agudo e forte, assim se me afigura que o pensamento, constringido pelas regras da poesia, se arremete mais vivamente e me impressiona com maior intensidade (I, 26, 1962, p. 144-145, tradução nossa).

Além disso, Montaigne argumenta que o seu pensamento é cambaleante. Com isso, ele realça as limitações das faculdades naturais.

Quanto às faculdades naturais que aqui ponho à prova, sinto-as vergar sob a carga. Minhas concepções e meus pensamentos só avançam às apalpadelas, cambaleantes, a escorregar entre tropeços; e por mais longe que vá, não fico satisfeito; vejo terras ainda além, mas turvas e enevoadas e não as posso distinguir. E, se me proponho falar à vontade de tudo o que se apresenta à minha fantasia, não empregando nisso senão os meus recursos naturais (I, 26, 1962, p. 145, tradução nossa).

O processo da educação envolve digerir os objetos do conhecimento. O sujeito realiza sozinho tal atitude e sem perder de vista as resoluções, no intuito de que elas sejam, de fato, seguras. De acordo com Montaigne: “Contudo, meu espírito não deixava ao mesmo tempo de ter resoluções firmes, juízos seguros e claros sobre objetos de seu conhecimento; e digeriria-os sozinho, sem influência alheia, e era incapaz de me submeter à força e à violência” (I, 26, 1962, p. 176, tradução nossa). Nessas lembranças da sua infância, cita uma experiência teatral, que lhe permitira maior segurança no campo da expressão e da flexibilidade do gesto em fazer a representação no gênero da tragédia:

Direi ainda desta qualidade que tinha em criança: uma segurança na expressão, uma voz e um gesto flexíveis que me permitiam desempenhar qualquer papel? Antes da idade normal (“mal entrava eu então no ano doze” [Virgílio]), representei as primeiras personagens das tragédias de Buchanan, de Guerente e de Muret que dignamente se montaram no Colégio de Guyenne. Nisto, como nas demais funções de seu cargo, foi André de Gouveia [humanista português de 1497 a 1555], nosso diretor, o maior diretor de França; e era eu seu melhor intérprete. É este um exercício que não deixo de louvar nos jovens de boa família; vi depois príncipes nossos entregarem-se a ele, a exemplo dos antigos, e o fazerem muito bem (I, 26, 1962, p. 176, entre colchetes nosso, tradução nossa).

No capítulo denominado *De la solitude* (1,39), Montaigne aponta o recanto pessoal para que o sujeito possa realizar a *epoché* (suspensão do julgamento). Diante disso, trata-se do recolhimento de sua própria companhia,

num profundo diálogo consigo mesmo. Este comportamento revela o desdobramento do “eu” no âmbito da alteridade.

É preciso ter como reserva um recanto pessoal, independente, em que sejamos livres em toda a acepção da palavra, que seja nosso principal retiro e onde estejamos absolutamente sozinhos. Aí nos entreteremos de nós com nós mesmos, e a essa conversa, que não versará nenhum outro assunto, ninguém será admitido. Aí nos abandonaremos a nossos pensamentos sérios ou divertidos, como se não tivéssemos mulher nem filhos, nem bens, nem casa, nem criadagem, de maneira que se um dia ele nos faltarem não nos custe demasiado a carência. Temos uma alma suscetível de se recolher, de se bastar em sua própria companhia, de atacar e defender-se, de dar e receber; não nos arrecemos, portanto, nesse diálogo com nós mesmos, de vegetar em uma aborrecida ociosidade (I, 39, 1962, p. 235, tradução nossa).

Em suma, o pensamento de Montaigne corrobora a ligação entre filosofia e educação, ao sublinhar o caminho da subjetividade com a alteridade, em outras palavras, a necessidade de ser companheiro de si mesmo. Ademais, o sujeito pode se utilizar do teatro para adquirir maior segurança na expressão do julgamento entendido como construção e suspensão de si mesmo. Com efeito, a solidão pedagógica é o ambiente favorável para que o sujeito reconheça as suas limitações provenientes da *conditio humana* (condição humana). Ora, o sujeito inacabado pode digerir o conhecimento na interpretação do mundo que rodeia-o, de forma a se romper com o modelo do humano como centro do mundo. Ele é um ser no meio dos demais seres e nada mais.

A SOLIDÃO PEDAGÓGICA ENTRE A NATUREZA DE SI E O DEVANEIO EM ROUSSEAU

No processo da educação, Rousseau assinala a relevância de observar a natureza em seu livro *Émile ou de l' éducation*. Com isso, a criança deixa a natureza mexer com o seu interior, enquanto que a sociedade atua somente

naquilo que lhe interessa externamente no âmbito das aparências e não da própria identidade da criança.

Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica. Ela exercita continuamente as crianças; ela enrijece seu temperamento mediante experiências de toda espécie; ela ensina-lhes desde cedo o que é pena e dor [...]. Essa a regra da natureza. Por que a contrarias? Não vedes que, pensando corrigi-la, destruí sua obra, impedis o efeito de seus cuidados? Fazer por fora o que ela faz por dentro é, a vosso ver, aumentar o perigo; e, ao contrário, é desviar-se do rumo, é extenuá-lo (OC, v. 4, *Émile ou de l' éducation*, 1969, p. 259-260, tradução nossa).

Contrariar a criança é desnaturá-lo, é torna-lo tirano e capaz de manipular os adultos já no caminho do amor-próprio. Ora, como seguir as determinações da natureza? A formação pedagógica ocorre na busca incessante da bondade natural e do gesto de contemplar a natureza para aperfeiçoar o autoconhecimento.

Rousseau confessa os seus paradoxos, porque ele é livre de preconceitos. Com efeito, a sua reflexão é permeada deles: “perdoai meus paradoxos; é preciso fazê-los quando se reflete; prefiro ainda ser homem de paradoxos do que homem de preconceitos” (OC, v. 4, *Émile ou de l' éducation*, 1969, p. 323, tradução nossa).

Michel Serres indica que “é preciso tomar [Rousseau] ao pé da letra: passado o contrato, só há natureza para o sonhador solitário, a sociedade a esqueceu” (1990, p. 117, entre colchetes nosso, tradução nossa). Em contrapartida, a natureza do solitário não é a mesma referente à sociedade, uma vez que esta vive uma natureza exterior e de mera aparência frente aos outros. A natureza do solitário, ao contrário, sublinha o papel do sujeito no sentimento a ser expresso em seus escritos, de modo a revelar os seus paradoxos em torno da natureza de si mesmo.

Para o pensador genebrino, o sujeito sente antes de conhecer e que os atos da consciência são sentimentos “Sentimos antes de conhecermos [...]. Os atos da consciência não são julgamentos e sim sentimentos” (OC, v. 4, *Émile ou de l' éducation*, 1969, p. 599, tradução nossa). Anunciando um pré-romantismo, o autor mostra a importância do sujeito primeiramente sentir as coisas a serem por ele assimiladas: o sentimento é algo interior. Em resumo, conforme o filósofo, “embora todas as nossas ideias nos venham de fora, os sentimentos que as apreciam estão dentro de nós e é unicamente por eles que conhecemos a conveniência ou a inconveniência que existe entre nós e as coisas que devemos respeitar ou evitar” (OC, v. 4, *Émile ou de l' éducation*, 1969, p. 599, tradução nossa).

Rousseau, diferentemente de Montaigne, não deseja influenciar Emílio, pois entende que a influência externa pode corromper a educação. É preciso que a natureza se desenvolva nele para lhe garantir a formação de sua própria identidade. Segundo Villey,

[...] para adaptá-lo às condições sociais em que deveria viver, Montaigne tentou influenciar seu discípulo; Rousseau quer, ao contrário, afastar a ação social, preservar dela seu Emílio, para que a natureza se desenvolva nele o mais integralmente possível. É que a natureza é boa, sempre e incontestavelmente boa. A intervenção humana só pode estragá-la (VILLEY, 1911, p. 158, tradução nossa).

E, se *gouverneur*, isto é, aquele que se encarrega da educação, ocupa um lugar central, não é para adular a natureza. Mas, de acordo com Rousseau, é para bem formar as maneiras de sentir, pensar e agir de seu discípulo: “[...] chamo antes *gouverneur* do que *preceptor* o mestre dessa ciência [da educação]” (OC, v. 4, *Émile ou de l' éducation*, 1969, p. 266, entre colchetes nosso, tradução nossa).

Rousseau, em seu texto *Les rêveries du promeneur solitaire* mostra o sentido do sujeito se desprender do mundo externo para ficar unicamente

consigo mesmo. Assim, desperta-se o ser do sujeito em diálogo com a sua própria existência, de sorte que desfruta da experiência de estar consigo mesmo: “de que desfrutamos numa tal situação? De nada de exterior a nós, de nada a não ser de nós mesmos e de nossa própria existência; enquanto este estado dura bastamo-nos a nós mesmos como Deus” (OC, v. 1, *Les rêveries*, 5e promenade, 1959, p. 1047, tradução nossa). Nota-se que o sentimento da própria existência provém do exercício de sua própria sensibilidade e não dos objetos exteriores.

Larrère indica o papel da botânica relacionado à contemplação:

A botânica pode ser uma ciência contemplativa, se se entende por contemplação uma mistura de sensibilidade ativa e passiva, interna e externa, que permite a fruição do acordo com o que se realiza entre o mundo exterior e a sensibilidade interior [...] Rousseau, nos *Devaneios*, está tão bem na natureza que a fronteira entre o interior e o exterior se desfaz: essa é a grande novidade (2012, p. 27).

Percebe-se que a união entre a botânica e a contemplação promove um novo posicionamento para Rousseau. A observação do exterior se une com a sensibilidade do interior. Desse modo, o sujeito adquire uma postura contemplativa com a natureza.

Rousseau apresenta que a terra oferece ao sujeito um singelo espetáculo. Dessa maneira, o sujeito, ao observá-la, jamais se cansa na sua caminhada, ao passo que ao ficar simplesmente no âmbito da vida social, ele se cansa em virtude de trabalhar simplesmente a aparência de si mesmo, de modo a esquecer de sua identidade. Segundo o filósofo,

[...] vivificada pela natureza e revestida de seu manto de núpcias em meio ao curso das águas e do canto das aves, a terra oferece ao homem, na harmonia dos três reinos, um espetáculo cheio de vida, de interesse e de charme, o único espetáculo no mundo de que seus olhos e seu coração não se cansam jamais (OC, v. 1, *Les rêveries*, 7e promenade, 1959, p. 1062).

O título das palavras do título *rêverie* (devaneio) e *promenade* (caminhada) apontam significados opostos, visto que é mais um paradoxo entre tantos outros nas reflexões de Rousseau. Quando ele se refere ao ato de pensar, salienta a presença do corpo como imprescindível, posto que o sujeito é um corpo vivo que pensa e que se sente vivo. De acordo com Audi, “é ao sentimento de existência, à maneira singular de experimentar cada vez, na afetividade de sua carne, que o homem deve a revelação de seu eu” (2010, p. 50, tradução nossa).

Pissarra analisa o objetivo dos devaneios no enlace entre a imaginação e a natureza:

Ao longo de suas caminhadas solitárias, deixa seu pensamento vagar inteiramente livre, guiado tão somente pela sua **imaginação**, respondendo, assim, à determinação da **natureza**. [...] O objetivo dos *Devaneios* é viver nele mesmo, é ter apenas a si como leitor, deixando seu espírito vagar, sem a preocupação de convencer ou demonstrar seus pensamentos aos outros, ou melhor, ao partido dos filósofos (2015, p. 4, negrito da autora).



Nota-se que as caminhadas de Rousseau são guiadas pela imaginação. Por essa razão, elas seguem o fluxo da natureza. O devaneio assume a função de estar consigo mesmo, de maneira que o sujeito dialoga com o seu interior. O espírito vaga no envolvimento entre a imaginação e a natureza, de forma a compreender e a sentir a sua própria natureza.

A máxima socrática “conhece-te a ti mesmo” parece permear a investigação de Rousseau. Segundo Starobinski, “o conhecimento de si para ele não é um problema, é um dado” (1992, p. 187). Rousseau diz: “À aquisição deste conhecimento de si mesmo ao qual eu consagrei meus últimos lazes” (OC, v. 1, *Les rêveries*, v. 1, 7e promenade, 1959, p. 1061, tradução nossa). Constata-se a assídua busca pelo auto-conhecimento, pois o autor, conforme Starobinski (1992), mergulha em seu delírio e perde seus vínculos com os homens.

Pissarra aponta que Rousseau desenvolve o devaneio poético:

Nas *Rêveries*, ao relatar seus devaneios ao longo de suas caminhadas, Rousseau inventa uma forma literária, o devaneio poético em prosa, para descrever sua situação peculiar: relata seus pensamentos mais íntimos sobre o seu linchamento moral provocado pelos seus contemporâneos e inimigos, *les philosophes*. Recorre à palavra devaneio como uma reflexão sobre a introspecção e sobre os limites da reconstituição do passado (2020, p. 99).

Em relação à identidade de Rousseau, Rossi frisa:

Quem é Jean-Jaques, será também Rousseau, o J.J. ou o caminhante solitário? Rousseau parte de um EU solitário que se confirma enquanto sujeito por intermédio desta solidão. Entretanto, este mesmo EU se divide quando olha para si. Há um protagonista, este EU que se escreve, mas que se confronta com os outros e consigo próprio, em dicotomia com o caminhante solitário. (2008, p. 109).

Constata-se que tal definição da identidade de Rousseau elucida a confirmação do seu “eu” solitário enquanto sujeito. Há, conseqüentemente um confronto com os outros e consigo mesmo. Este confronto expressa os paradoxos referentes à própria vida cotidiana.

Rousseau, na sua obra autobiográfica *Les confessions*, disserta no livro IV a necessidade de tornar a sua alma transparente aos olhos do leitor. Ele o toma como testemunha na determinação de sua própria consciência de ser e do julgamento.

Há uma certa sucessão de afetos e de ideias que modificam as que as seguem, e que é preciso conhecer para julgar bem. Eu me esforço para desenvolver bem em todos os lugares as causas primeiras, para fazer sentir a sequência dos efeitos. Eu gostaria de poder de alguma forma tornar minha alma transparente aos olhos do leitor; e para isso procuro mostrá-lo de todos os pontos de vista, iluminá-lo todos os dias, para fazer com que ali não aconteça nenhum movimento que ele não perceba, para que possa julgar por si mesmo o princípio que os produz. [...] Cabe

a ele montar esses elementos, e determinar o ser que eles compõem (Livro IV, 1947, p. 123, tradução nossa).

Na passagem do livro IX de *Les Confessions*, Rousseau investiga os vários modos de ser que aparecem na vivência da vida. Para tanto, ele ressalta a dependência em relação aos objetos externos por parte dos sentimentos e das ações. A investigação de si mesmo faz com que o sujeito consiga ver os efeitos provocados em si e, a partir disso, dirigir a si mesmo, no intuito de se tornar melhor e confiante.

Observou-se que a maioria dos homens é, no decorrer da vida, muitas vezes diferente de si mesmo e parece transformar-se em homens bastante diferentes. Não foi para estabelecer uma coisa tão conhecida que quis fazer um livro; Eu tinha um objetivo mais novo e ainda mais importante: era procurar as causas dessas variações e ligar-me àquelas que dependiam de nós, mostrar como elas poderiam ser dirigidas por nós mesmos, para nos tornar melhores e mais confiantes. [...] Investigando em mim mesmo e indagando nos outros a que pertenciam esses vários modos de ser, descobri que eles dependiam em grande parte da impressão anterior de objetos externos, e que, continuamente modificados por nossos sentidos e por meio de nossos órgãos, suportamos, sem perceber, em nossas ideias, em nossos sentimentos, em nossas próprias ações, o efeito dessas modificações (Livro IX, 1947, p. 249, tradução nossa).



Ademais, no livro XII de *Les Confessions*, Rousseau analisa bem o contexto social de sua época, especialmente quando fala da imitação para zombar dos outros e de si mesmo. Esta atitude denota a *bavardage* no sentido da tagalerice e que impede o sujeito de conhecer a si mesmo: “É impossível que um homem incessantemente difundido na sociedade e constantemente ocupado em imitar para zombar com os outros não imite para zombar um pouco consigo mesmo, e quando tivesse tempo de estudar a si mesmo seria quase impossível de se conhecer” (Livro 12, 1947, p. 348, tradução nossa). Com efeito, o homem deve redescobrir a sua natureza, em contato com a natureza, para chegar ao

desabrochamento do sentimento de si. A relação entre o sujeito e a natureza de si possibilita a superação da mera *bavardage*.

Harari argumenta que a reflexão de Rousseau desenvolve o sentimento de si:

É por isso que a obra de Rousseau foi caminhando gradativamente para o sentimento de si, relacionando-se adequadamente com sua concepção estrutural da sociedade como perversa e nociva ao desenvolvimento do indivíduo. Isso o levará repentinamente a considerar a natureza, em suas caminhadas atemporais, como um verdadeiro lugar de meditação de si e, por extensão, a botânica como um meio de auto-expressão numa libido de objeto purificada de qualquer consideração social (2016, p. 10).

Percebe-se, com isso, a valorização do sentimento de si e da observação da natureza. Observá-la é o meio em que o sujeito pode realizar a meditação de si. Assim, ocorre o seu aperfeiçoamento diante da estrutura perversa e nociva da vida em sociedade.

A solidão aparece em Rousseau como forma do sujeito ir ao encontro de sua interioridade. Nesse sentido, a caminhada em sintonia com a natureza lhe permite o desenvolvimento dos devaneios e do sentimento de si mesmo, de sorte que o sujeito é capaz de melhor lidar com os sentimentos e as emoções através do isolamento. Façanha e Carvalho afirmam a hiperbolização do sofrimento como traço do pré-romantismo.

As características pré-românticas se revelam através da leitura tanto do texto como das imagens que apresentam aspectos reveladores da busca pelo isolamento, do conflito entre a emoção e a razão, do sentimentalismo notável na linguagem reproduzida pela fala e pela expressão dos personagens principais. A hiperbolização do sofrimento também é um dos enfoques do pré-romantismo, ela é motivada não só pelo ciúme e pela desconfiança, mas, principalmente, pela saudade do ser amado que é evocado como uma criatura celestial (2015, p. 3).

Logo, o pensamento de Rousseau auxilia na ligação entre filosofia e educação, pois destaca o caminho da subjetividade com a interioridade, a saber, a importância do sujeito estar consigo mesmo, a fim de desfrutar do sentimento de si. A solidão pedagógica conduz o sujeito ao contato com a natureza que há em si, visto que percebe que a consciência compreende, além do conhecimento, o sentimento antes mesmo do próprio julgamento. Ele acentua, com isso, a formação da natureza de si tão fundamental para que o sujeito seja livre da natureza externa que corrompe a sua integridade enquanto sujeito que sente e pensa diante de si e do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, a discussão sobre a relação entre filosofia e educação mais do que ampla, é fundamental, como tentou-se aqui abordar a partir de algumas passagens desses dois filósofos, um pertencente ao século XVI e outro ao século XVIII – Montaigne e Rousseau. O estudo da subjetividade auxilia a reflexão sobre o sujeito, uma vez que implica o aspecto da alteridade e da interioridade, assim como da própria noção de natureza no âmbito da filosofia moderna. Assim, debruçar a consciência naquela investigação possibilita a compreensão, sobretudo, da solidão como tempo e espaço pedagógico. Por isso, podem-se tecer três pontos essenciais em vista da atuação do sujeito na vivência da solidão como tempo e espaço pedagógico:

Primeiro, a solidão promove o autoconhecimento, de modo que o “eu” se insere na área de descrever as suas próprias experiências com a natureza. A arte de ensaiar, para Montaigne, requer a habilidade de trabalhar a memória no registro diário em vista de salvaguardar a sua identidade na alteridade, porque escrever implica abertura para si e para o outro. De acordo com Rousseau, a solidão permite o contato com a interioridade e o prazer de conhecer a própria consciência com os seus desdobramentos que perpassam pelo uso da razão e do

sentimento. Por isso, a observação da natureza é algo fundamental para que a consciência aja com maior naturalidade.

Segundo, o devaneio na perspectiva montaigniana aparece ligado ao julgamento. Assim, o sujeito pode suspender o “eu” a fim de ver a diversidade de opiniões acerca da vida, de maneira que cada povo formula o seu conjunto de valores que norteiam a arte de bem viver. Para Rousseau, o devaneio abre margem para caminhar na vida interior e afastar-se do jogo de interesse tão vigente na sociedade. O olhar para si mesmo permite encontrar o repouso para se situar consigo mesmo e com o sentido da própria vida em sentir cada elemento da natureza ao invés de simplesmente meditar.

Terceiro, a alteridade do “eu” em Montaigne e a interioridade da consciência em Rousseau abordam a subjetividade humana. Trazê-los à reflexão no mundo hodierno é algo desafiador. A filosofia e a educação podem resgatar o valor da solidão como fundamental ao desenvolvimento do julgamento e da natureza de si.

A filosofia de Montaigne contribui para que o sujeito realize o seu gesto de ensaiar acerca da vida. O ensaio é a tentativa de deixar as marcas por intermédio da escrita, que denota o aspecto da alteridade, pois escrever é estar em companhia com o “eu” em profundo diálogo com o mundo. A memória expressa no registro dos ensaios descreve a diversidade de culturas, que foram vistas pelo ensaísta ao decorrer de sua própria existência com a leitura dos filósofos clássicos. Ele não se limita em apenas citá-los, pelo contrário, dialoga com eles, a fim de deixar os traços de seus próprios pensamentos e sentimentos.

Além do mais, a filosofia de Rousseau oferece ao leitor a oportunidade de conhecer a si mesmo. Trata-se de voltar à natureza de si para se abrir em face de um mundo no qual o sujeito pode se libertar dos preconceitos que, muitas vezes, estão presentes na sociedade. O devaneio facilita a compreensão da consciência não somente enquanto reflexão e sim, também como sentimento, visto que nasce do interior do sujeito a capacidade de demonstrar o

conhecimento e as suas opiniões acerca dos objetos exteriores. A naturalidade é algo essencial para que o sujeito exercite tenha a capacidade de expressar os paradoxos presentes em sua própria vida, sem se preocupar com a ordenação lógica deles.

Nesse sentido, trata-se de garantir ao sujeito o direito de refletir e sentir o mundo, ao invés de simplesmente agir sem pensar e ser manipulado de acordo com o consumismo e a fragmentação tão presentes na sociedade atual. A fragmentação no sentido em que cada sujeito quer formar o seu próprio grupo sem levar em conta a reflexão e o sentimento, que são indispensáveis para uma boa consciência da natureza de si. A solidão é pedagógica, na perspectiva de Montaigne, quando ocorre a suspensão do julgamento e o reconhecimento da ampliação de si. Além disso, ela é pedagógica, na visão de Rousseau, à medida que o sujeito realiza a observação da natureza e o afastamento do jogo das aparências, que são oriundas da vida social. Ele aponta uma nova visão da natureza de si a ser exercitada na solidão como tempo e espaço pedagógico.

REFERÊNCIAS

AUDI, Paul. Marcher et rever. **Le nouvel observateur**: le génie de la modernité, n. 76, p. 50-52, 2010.

BIRCHAL, Telma de Souza. **O eu nos ensaios de Montaigne**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação**: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília, DF: CNPq; IBICT; UNESCO; Faber-Castell, 2010. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por Acesso em: 05 ago. 2023.

EVA, Luiz. **A figura do filósofo**: ceticismo e subjetividade em Montaigne. São Paulo: Loyola, 2007.

FAÇANHA, Luciano da Silva; CARVALHO, Lussandra Barbosa de. Leitura de imagem nas ilustrações do romance filosófico de Rousseau como expressão do Pré-Romantismo. **Littera Online**, n. 10, p. 1-21, 2015.

FRIEDRICH, Hugo. **Montaigne**. Paris: Gallimard, 1968.

GARIN, Eugenio. **L'éducation de l'homme moderne 1400-1600**. Paris: Hachette Littératures, 1968.

GARIN, Eugenio. **L'uomo del Rinascimento**. Bari: Laterza & Figli, 1995.

HARARI, 2016. **Rousseau, ou la découverte du sentiment de soi**. Université Paris-Sorbonne, 2016. p. 1-11. Disponível em: https://www.academia.edu/21816354/Rousseau_ou_la_d%C3%A9couverte_du_sentiment_de_soi Acesso em: 06 ago. 2023.

HOFMANN, G. Montaigne's education. In: DESAN, Philippe (Org.). **The Oxford Handbook of Montaigne**. New York: Oxford University Press, 2016. p. 40-57.

LARRÈRE, Catherine. Jean-Jacques Rousseau: o retorno da natureza? **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, n. 21, p. 13-30, 2012.

MONTAIGNE, Michel de. **Essais**. Paris: Gallimard, 1962.

PISSARRA, Maria Constança Peres. Escritura, verdade, virtude. **Cadernos de Pesquisa**, n. 22, n. especial Rousseau, p. 1-10, 2015.

PISSARRA, Maria Constança Peres. Vagabundagem sonhadora e imagem de si. **Paralaxe**, v. 7, n. 1, p. 98-106, 2020.

ROSSI, Vera Helena Saad. As múltiplas personas de Jean-Jacques Rousseau em Os Devaneios do Caminhante Solitário. **Kalíope**, v. 4, n. 7, p. 101-111, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Les confessions, Les rêveries du promeneur solitaire**. Paris: Les Éditions Nationales, 1947. (Collection Les Classiques Verts).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Les rêveries du promeneur solitaire**. Oeuvres Complètes. Paris: Gallimard, 1959. (Bibliothèque de la Pléiade). v. 1.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Émile ou de l'éducation**. Oeuvres Complètes. Paris: Gallimard, 1969. (Bibliothèque de la Pléiade). v. 4.

SERRES, Michel. **Le contrat naturel**. Paris: François Bourin, 1990.

SILVA, Nelson Maria Brechó da; PISSARRA, Maria Constança Peres. A solidão em Montaigne e em Rousseau: análise comparativa em diálogo com as novas

linguagens. **Sapere Aude**, v. 14, n. 27, p. 27-39, 2023.

STAROBINSKI, Jean. **Montaigne em movimento**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VILLEY, Pierre. **L'influence de Montaigne sur les idées pédagogiques de Locke et de Rousseau**. Paris: Hachette; C^{ie}, 1911.

RECEBIDO EM: 04/09/2023

PARECER DADO EM: 07/11/2023



www.revistafenix.pro.br